

# Formar pela escrita e para a escrita – olhares sobre a formação e os futuros professores

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes\*

Fanny Rinck\*\*

A questão da escrita na formação universitária tem sido bem explorada há alguns anos: que gêneros são praticados? Quais são as dificuldades dos estudantes? Com que propósito se escreve e o que isso contribui para a formação? Quais dispositivos didáticos propor para promover o desenvolvimento das habilidades de escrita dos graduandos, para trabalhar sua relação com a escrita e para melhorar a apropriação dos conhecimentos por meio da escrita, visando à construção profissional, de modo a torná-los conscientes da função essencial da escrita nas disciplinas acadêmicas e no mundo profissional?

Na origem do projeto de edição desta *Scripta*, queríamos focalizar a formação de professores. Para este público, as mesmas questões se colocam quanto às formas e funções da escrita na formação universitária em geral, e particularmente, em relação à dimensão profissionalizante da formação universitária. No entanto, outro desafio surge: os futuros professores deverão ensinar os seus alunos a escrever. São focalizados prioritariamente os professores de língua e literatura, mas também os professores não especialistas no ensino de línguas, além dos professores de todas as disciplinas que são levados a praticar a escrita em suas aulas (história, geografia, artes, ciências etc.). Sabemos que a escrita desempenha um papel fundamental em todas as disciplinas e na apropriação pelos alunos dos conhecimentos e do saber fazer, em todos os níveis de escolaridade. Sabemos também que a escrita oferece dificuldades para os professores, que nem sempre sabem o que fazer dos escritos de seus alunos nem como levar seus alunos a escrever.

« Dans le champ des « littéracies universitaires », « faire écrire » au sein d'une discipline comporte deux facettes : **la formation à l'écriture et la formation par l'écriture**. Les problématiques traitées dans ce champ se sont déplacées : au départ, l'accent a été mis sur le fait que l'écriture, facteur de réussite, exige un accompagnement. Il a été montré qu'il faut intégrer ce dernier dans la formation disciplinaire, car les manières d'écrire dans une discipline sont aussi des manières de faire et de penser qui lui sont spécifiques (Bazerman, 1988 ; Carter, 2007). Faire écrire peut alors être en lui-même un instrument de formation, qui joue à la fois sur la construction du sujet et la construction des connaissances. » (Rinck, 2011 : 79). (Nous soulignons)<sup>1</sup>

Salientamos assim a ideia de **formar para a escrita**, devido à sua importância na chamada sociedade do conhecimento: formar para a escrita, formar pela escrita, devem ser pensados em relação a essa perspectiva. É importante renunciar à visão puramente técnica da escrita e a uma abordagem instrumental da escrita a serviço do sucesso acadêmico ou da inserção profissional. Formar para a escrita é interrogar-se sobre o modo como se pratica a escrita na universidade para dar a ela sua merecida importância. Esse é o papel das oficinas de produção de texto, por exemplo, ou das práticas

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas (Brasil).

\*\* Université Grenoble Alpes (França).

1 "No campo dos "letramentos acadêmicos", "fazer escrever" no âmbito de uma disciplina apresenta duas facetas: **a formação para a escrita e a formação pela escrita**. As questões tratadas nesse campo se deslocaram: no início, a ênfase foi colocada no fato de que a escrita, fator de sucesso, requer assessoria. Demonstrou-se que é preciso integrar esta assessoria na formação disciplinar, porque as formas de escrever em uma disciplina também são formas de fazer e pensar que lhes são específicas (BAZERMAN, 1988; CARTER, 2007). A escrita pode ser em si um instrumento de formação, que atua tanto na construção do sujeito quanto na construção de conhecimentos." (RINCK, 2011, p. 79). (Grifos acrescidos).

de escrita criativa e literária, existentes no contexto anglo-saxão e amplamente difundidas, hoje. Estas propostas, no entanto, podem ser estendidas a outros cursos de formação na universidade, considerando a diversidade de práticas de escrita, mas com uma atenção comum ao sujeito escrevente, ao trabalho da escrita como trabalho da língua e do pensamento.

Este volume propõe explorar as práticas de escrita acadêmica em diferentes disciplinas, para a apropriação dos saberes e a construção de sujeitos escreventes, mas também orientar especificamente os futuros professores que, por sua vez, terão que trabalhar a escrita com seus alunos: levá-los a escrever, ensiná-los a escrever e, por meio de suas práticas de ensino, contribuir para desenvolver nos alunos vínculos de compromisso ou de implicação relativamente à escrita, aos modos de fazer e de pensar a escrita.

Compartilhamos com os leitores algumas das questões que orientaram a organização deste número da *Scripta*.

(1) A escrita na/para a formação: quais modos, quais funções? O desafio situa-se muito mais no âmbito da educação universitária (apropriação dos saberes; modos de fazer em uma dada disciplina)? Na constituição profissional (desenvolvimento de uma identidade profissional, desenvolvimento de gestos profissionais)? Na sequência dos trabalhos sobre a escrita na universidade, trata-se de dar continuidade a reflexões e propostas concretas de dispositivos a serem implantados: como a escrita é considerada nos programas de formação? E nas aulas com os alunos, como a escrita é desenvolvida em diferentes disciplinas?

A respeito da monografia de pesquisa, na universidade, Rinck assinala que

« le travail d'écriture demandé est emblématique de ce que l'on appelle la « réflexivité », le fait de « penser via l'écrit », ou encore, selon une formule clé en contexte anglosaxon, le « critical thinking through writing » (Bizell, 1992). L'écriture doit permettre de s'appropriier des savoirs disciplinaires de référence et d'être capable de les interroger. C'est aussi une pensée pour l'action qui est visée, en particulier la capacité à analyser des situations de terrain. L'expression de littéracie critique est revendiquée en référence à J. Dewey (1916) ou P. Freire (1970) comme le titre d'un programme éducatif basé sur la capacité à décrypter un monde complexe et à agir en citoyen éclairé » (Rinck, 2011 : 79).<sup>2</sup>

(2) E o público dos futuros professores? Como proceder com a escrita na universidade para que os professores levem seus alunos a escrever? Trata-se aqui de cruzar a questão das práticas de escrita na / para a formação universitária e a questão da formação de professores atentos, em sua profissão, à importância da escrita de seus alunos. Que objetivos propor? Quais dispositivos devem ser criados para que a escrita na universidade seja uma oportunidade de prática e reflexão que capacitaria os professores a lidar com os escritos de seus alunos, com as funções da escrita nas disciplinas e com as atividades a serem implementadas com suas turmas de alunos? Como a produção escrita é ensinada para esse público de futuros professores? Que discurso é apreendido sobre a escrita, que concepções de escrita emergem? Quais são os modos de fazer no espaço formativo e que podem orientar ou não os professores a também fazer com os alunos?

---

2 “o trabalho de escrita solicitado é emblemático do ponto de vista da "reflexividade", o fato de "pensar por meio da escrita", ou ainda, de acordo com uma frase-chave no contexto anglo-saxão, o "pensamento crítico por meio da escrita" (BIZELL, 1992). A escrita deve possibilitar a apropriação dos saberes disciplinares de referência e a capacidade de interrogá-los. Trata-se também de um pensamento para a ação que é direcionado, especialmente para a capacidade de analisar situações em campo. O termo letramento crítico é atribuído a Dewey (1916) ou Freire (1970) com o sentido de um programa educacional baseado na capacidade de desvendar um mundo complexo e de agir como um cidadão esclarecido.” (RINCK, 2011, p. 79).

O desafio deste número é, portanto, desenvolver uma nova reflexão, a de saber pensar as práticas de escrita e as contribuições da didática da escrita na formação, para formar professores que sejam, se não especialistas, ao menos especializados no ensino *de e para* a escrita de seus alunos. Esta edição também é uma oportunidade para refletir sobre o conjunto das formações na universidade, não apenas sobre os futuros professores, mas sobre o letramento considerado a partir do papel da universidade na formação *pela e para* a escrita. Esperamos que isso permita que os professores formadores universitários se interroguem acerca das ações que promovem com a escrita para seus alunos.

Assim, este volume da *Scripta* reúne reflexões sobre os processos envolvidos nas práticas de escrita na formação e na atuação de professores da educação básica e do ensino superior. As contribuições, de natureza teórica e empírica, chegaram de várias instâncias, produzidas por pesquisadores e professores de institutos federais e centros de educação tecnológicos, além de universidades públicas e privadas do Brasil e da Suíça. Trata-se de trabalhos cujos temas se voltam para refletir sobre o papel da escrita na formação e na profissionalização dos futuros docentes, seja por meio de dispositivos didáticos, de gêneros discursivos ou de interações entre formador e sujeito em formação, a serviço da apropriação de conhecimentos e do saber fazer.

Alguns desses estudos, tendo como objeto o trabalho dos professores com a escrita em sua profissão, possibilitam apreender não somente o processo de desenvolvimento de uma identidade profissional, mas também os gestos profissionais, em domínios diversos. Com foco no desenvolvimento da reflexividade e do pensamento para a ação, desafio para todos os que atuam na formação, seja ela inicial ou contínua, alguns trabalhos expõem expedientes didáticos que objetivam repensar a própria prática, por meio da projeção da triangulação que ocorre entre o formador e o futuro professor e o professor e seus alunos.

De modo a ultrapassar a ideia de deficiência e de dificuldade que muitas vezes alicerça o trabalho com a escrita, projetada em torno de técnicas de redação, alguns dos textos desta *Scripta* buscam questionar os próprios métodos de ensino da escrita na instância formadora, apresentando outras vias, que apontam para outras práticas, em que os sujeitos em formação possam se constituir verdadeiramente como autores.

Evidentemente, o viés discursivo e sócio-histórico atravessa todos os textos. Nessa perspectiva, a linguagem, vista como (inter)ação, revela o próprio do fazer e do ser humano nela contido, em especial nas atividades em que se responde às demandas da sociedade, ou melhor, em que se dialoga com ela. Nessa rede dialógica, os discursos não somente refletem, mas refratam os processos vividos na formação de futuros docentes e na atuação de professores. Como salienta Bakhtin (2011), a refração é condição necessária para a significação, o que ratifica a não transparência da linguagem e sinaliza para interpretações que se constituem na dinamicidade de um mundo marcado “pela diversidade de experiências de grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais.” (FIORIN, 2009, p. 51).

A leitura que se propõe convida o(a) leitor(a) a participar desse movimento interdiscursivo e dialógico, cujo eixo é atravessado pela responsividade própria do discurso:

“Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184).

Como “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 297), os estudos que compõem este volume respondem não somente a demandas da sociedade, mas apontam para posicionamentos diante das situações formativas e investigativas. Pertencendo a campos de pesquisas que tratam do sujeito em circunstâncias as mais diversas, seja na produção de pesquisas, seja no

embate com o próprio fazer profissional, é possível vislumbrar discursos que se completam, e que se mostram convergentes ou divergentes, em situações formativas diversas.

Neste número, é possível apreender olhares advindos dos Novos Estudos do Letramento, especialmente sob a perspectiva etnográfica e discursiva, além de contribuições de correntes teóricas e metodológicas que se ocupam da formação e da atuação dos docentes, no bojo das quais se situam as Ciências do Trabalho e a Clínica da Atividade. Esses trabalhos, inspirados por abordagens de linha interacionista e sociodiscursiva, apontam para o necessário diálogo que deve haver quando se trata de analisar o que é próprio da atividade humana.

Os textos aqui reunidos oportunizam, assim, o debate com pesquisas que buscam compreender o papel que a escrita desempenha, na apropriação, pelos alunos, dos conhecimentos e do saber fazer, em todas as disciplinas e em todos os níveis de escolaridade. Considerando especificamente os campos formativos das ciências da linguagem e da educação, flagra-se o desafio de pensar as práticas de escrita para formar professores que, por sua vez, deverão também formar, pela escrita, seus alunos, para usar a escrita, nas práticas sociais.

Dando prosseguimento a esta exposição, serão apresentados os três primeiros artigos que abrem este volume da revista, cujas análises se voltam para o tratamento dado às práticas de escrita em documentos parametrizadores e em projetos pedagógicos ou currículos de cursos de formação de docentes.

No primeiro artigo, *A escrita na formação de professores de Língua Portuguesa*, sob a ótica da Análise de Discurso, Fabiane Aparecida Pereira e Sandro Braga examinam os modos como os documentos institucionais propõem e projetam a relação do acadêmico com as práticas de escrita durante o processo formativo, em um curso de Letras (licenciatura / bacharelado) de uma universidade pública federal brasileira. Tomando as práticas de escrita na universidade como possibilidades de os licenciandos se constituírem como autores no processo de produção de sentidos, os articulistas apontam para a reverberação de vozes que caracterizam o interdiscurso científico e trazem ressonâncias, pela memória institucional e discursiva, do que emerge do tempo e da historicidade. Além disso, demonstram que as concepções de letramento e de escrita presentes nos documentos orientadores do curso projetam as ações a serem implementadas no processo de ensino e aprendizagem de práticas de escrita, ao mesmo tempo em que permitem delinear os modos como o acadêmico de Letras poderá construir sua relação com a escrita, percebendo-a como “uma ferramenta de apropriação de conhecimentos” e de constituição de si como profissional da área da linguagem.

Ao assumir que “a apropriação dos gêneros acadêmicos não ocorre de modo linear nem uniforme”, pois é dependente de vários fatores, entre os quais a própria experiência do estudante com os diferentes gêneros e as diferentes linguagens em suas práticas letradas, Victoria Wilson apresenta reflexões sobre os modos de apropriação do gênero acadêmico “projeto de monografia”, no contexto de um curso de formação de professores. Apoiada em estudos de viés etnográfico-discursivo e nas contribuições da Linguística Aplicada e dos Novos Estudos do Letramento, no artigo *O professor e a pesquisa: as experiências com a escrita na universidade*, objetiva refletir sobre as habilidades demonstradas pelos alunos na apropriação do gênero acadêmico em tensão com as práticas sociais da escrita. A autora problematiza as práticas de escrita na universidade que se orientam por modelos de letramento ora marcados pela normatividade (modelo ideológico), ora pela crença na necessidade do domínio de determinadas práticas de escrita para a inserção nas práticas sociais e profissionais (modelo autônomo). O estudo demonstra que, no processo de elaboração dos projetos de pesquisa e das monografias, os alunos se veem confrontados com práticas que requerem um grau elevado de reflexão, pesquisa e ação com a linguagem. Os textos produzidos, mesmo sem incidir especificamente sobre a prática docente, acabam por explicitar as representações do sujeito em formação acerca dos modos como concebe os conhecimentos e as linguagens que os possibilitam.

Também com o objetivo de analisar as concepções de letramentos presentes em matrizes curriculares constantes do projeto político-pedagógico do curso de Letras de uma universidade do Amazonas, Stéphanie Soares Girão, busca confrontar, por meio de entrevistas realizadas com quatro professores de licenciatura do curso, as concepções apreendidas nos discursos com as práticas de escrita propostas por professores da faculdade. No artigo *As concepções de letramentos na formação de professores de FLE em contexto amazônico*, a autora salienta o crescimento da demanda do ensino de língua francesa na região norte do Brasil, tendo em vista a forte presença de falantes da língua na região, causada, sobretudo, pelo fluxo migratório de haitianos e pela fronteira geográfica do estado do Amapá com a Guiana Francesa. De natureza qualitativa e interpretativa, tomando como quadro teórico os subsídios dos Novos Estudos do Letramento, o estudo revela que os documentos analisados estão fundamentados em uma perspectiva de modelo autônomo de letramento calcado em habilidades que devem ser desenvolvidas para a socialização acadêmica, enquanto que o discurso da maioria dos docentes está alinhado à perspectiva de letramento ideológico, cujas práticas se sustentam nas relações entre identidade, poder, autoridade e produção de sentido na academia, com foco no desenvolvimento do pensamento crítico do estudante. A pesquisa permite demonstrar que as concepções e práticas de letramentos, sintonizadas com as demandas sociais e com os avanços teóricos e metodológicos do contexto acadêmico, ainda que presentes nos discursos dos docentes do curso, não estão materializadas nos documentos reguladores e nas matrizes curriculares das licenciaturas que formam docentes.

Em um segundo conjunto de textos, apresentamos cinco artigos que tratam de eventos de formação cujo foco se volta para os papéis da escrita e dos gestos profissionais no desenvolvimento dos sujeitos em processo de formação para a docência. Nesses trabalhos, fica evidente a necessidade de pensar formas de ação por meio da escrita que levem ao desenvolvimento dos futuros profissionais.

A formação de futuros professores com foco no tema específico da produção escrita está no cerne do que propõem Roxane Gagnon, Véronique Laurens e Joaquim Dolz. Os autores se interessam pela ação do formador e a importância desta ação para possibilitar que futuros professores desenvolvam habilidades profissionais. A abordagem proposta é baseada na noção de “gesto de formação” em que autores procuram identificar como os formadores preparam futuros professores para a profissão. Sob essa ótica, o artigo *In Search of Training Gestures: What Regularities can be observed when Teaching to Teach Written Production?* focaliza a preparação de futuros professores para o ensino da produção escrita. O estudo é baseado em 28 sequências de formação em produção escrita, no âmbito da formação de futuros professores na Suíça. Destacam-se seis ações principais que organizam a dinâmica da formação observada e a ação do formador: duas ações acontecem fora da sala de aula (planejar e avaliar o trabalho de escrita profissional), outras quatro ocorrem durante as sequências realizadas com os futuros professores (conceituar e sistematizar a escrita e o ensino e a aprendizagem da escrita, recorrer a situações de produção escrita próprias da esfera escolar, trabalhar com os recursos para o ensino da escrita e com as práticas de professores e as estratégias usadas para ajustar recursos didáticos para uma aprendizagem eficiente). Assim, os gestos do formador ecoam os gestos que o professor mobilizará em sua aula com os alunos e mostram a importância da ação do formador. Não é apenas o futuro professor que deve refletir sobre o que é preciso fazer com os alunos, mas o formador deve se interrogar sobre o que ele diz, faz e orienta para que os futuros docentes façam relativamente à produção escrita, na perspectiva de formar professores que se questionam.

Em tom de ensaio, e apoiados em uma concepção de escrita como enunciação propiciadora de sentidos e de autoria, Carlos Henrique Lucas Limas, Clebemilton Gomes do Nascimento e Fábio Fernandes propõem um trabalho com a escrita sob a perspectiva autoetnográfica, que permite dar a voz aos sujeitos a fim de dialogar com o mundo, com o outro e com os conhecimentos. No artigo *Estranhas telas de sentido: a escrita de si e do outro na / pela linguagem*, os autores começam por questionar as práticas de escrita comumente presentes na formação do profissional das Ciências

Humanas, as quais privilegiam uma ideia de texto aprisionado por normas que acabam por inibir a emergência do eu e das diferenças próprias das singularidades. Os autores advogam pela “criação no processo de escritura-ação”, em lugar de um ensino de (re)produção de textos atrelado a regras que conformam o sujeito e não lhe permitem agir por meio da linguagem. Sendo plurais e multimodais, os textos não podem ser escriturados sob uma visão mecanicista, homogeneizante, mas devem ser explorados sob o viés da dialogicidade e da polifonia, lugar para o encontro consigo mesmo e com o(s) outro(s).

O artigo de Ana Elisa Ribeiro e de Lucas Mariano de Jesus, *Produção de fanfictions e escrita colaborativa: uma proposta de adaptação para a sala de aula*, convida a repensar os processos de leitura e escrita para além das relações “tradicionais” que, muitas vezes, permeiam as práticas de ensino e aprendizagem. Valendo-se de aportes teóricos e metodológicos ligados ao exame de práticas e eventos de letramento, em especial as interações por meio da escrita em ambientes digitais, os autores assinalam a necessidade de analisar os processos de escrita colaborativa e coletiva, em que os sujeitos são interpelados a agenciar novas estratégias e novas formas de produção, tendo em vista que “não basta saber ler e escrever, é preciso criticar o que se está lendo e reagir, na linguagem.” O artigo expõe uma dinâmica de escrita colaborativa inspirada em *fanfiction*, proposta pelos autores para a produção de contos, em um curso de Letras, com o objetivo de desenvolver as capacidades letradas dos estudantes. Os dados apresentados apontam para um movimento dinâmico e diversificado possibilitado pelas interações – produções textuais, avaliações, intervenções – realizadas pelos participantes da dinâmica de escrita coletiva, o que revela a relevância de pensar em novas formas de práticas de escrita na instância formativa.

O trabalho de reflexão do sujeito sobre seu próprio agir e sobre a ação do outro é abordado no artigo *O papel do comentário escrito no método da instrução ao sócia e seu uso na formação de professores*, de Eliane Gouvea Lousada e Flavia Fazon. A análise das autoras, inspirada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Clínica da Atividade e da Ergonomia da Atividade, à luz de estudos de perspectiva interacionista e social, toma como base os dados coletados em uma experiência vivenciada em um curso de pós-graduação, em que se objetivava analisar o papel dos comentários escritos, na utilização do método *instrução ao sócia*, em práticas de formação de professores. A experiência formativa com a escrita do comentário sobre a *instrução ao sócia* permite mostrar a função epistêmica da escrita tanto para o conhecimento de si e do outro como professor como também para a percepção de sua prática.

O último artigo deste segundo conjunto de textos focaliza as estratégias de correção textual do discente-monitor em resumos acadêmicos produzidos por discentes da disciplina “Laboratório de Leitura e Escrita de Textos Acadêmicos”, em um curso de Letras. Em *A correção de resumos acadêmicos: a monitoria de disciplina como atividade de mediação da (re)escrita*, Máira Avelar, Beatriz Graça, André Lisboa e Hayat Pinheiro descrevem uma prática de avaliação do gênero resumo acadêmico em que monitores se valeram de estratégias diferenciadas para intervir nos textos, seja para explicar sobre os critérios de avaliação usados, seja para levar os discentes a refletirem sobre os aspectos de ordem pragmática, textual e linguística que necessitam ser melhor compreendidos. O exame dessas intervenções apontou para os possíveis efeitos dos modos como se realizaram as intervenções nos resumos, ora prevalecendo o distanciamento entre o discente-monitor e o discente avaliador, pela ausência de interlocução nos textos examinados, ora estabelecendo-se uma maior interação entre os dois, de forma a permitir o esclarecimento sobre o que estava sendo avaliado. A análise possibilitou também apreender as concepções de língua e de texto que orientam a ação do monitor no papel de avaliador.

Três textos integram o último conjunto de artigos que, privilegiando uma abordagem discursiva e dialógica da linguagem, focalizam práticas de produção e de avaliação textual que trazem reflexões relevantes para pensar as ações formativas na esfera do ensino de língua, nos níveis básico e superior.

Voltado para as práticas de correção de produções textuais de estudantes, o artigo de Norma Seltzer Goldstein e Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho, *Prática de correção textual e formação de escreventes: viés dialógico*, apresenta uma análise fundamentada em uma perspectiva dialógica de linguagem, em que o texto se configura como ato responsivo, sendo sempre uma réplica a outro texto. Nessa ótica, a correção do texto pelo professor é uma resposta ao discurso produzido pelo estudante e poderá desencadear efeitos em produções futuras, isto é, também estas poderão se constituir em réplicas dadas, posteriormente, pelos alunos. O estudo das autoras contribui para repensar as práticas de avaliação de textos e também as práticas formativas cujo foco precisa incidir sobre a relevância de ações dialógicas que permitirão compreender os textos produzidos pelos alunos como processos de constituição autoral que se realizam na alteridade e na heterogeneidade e não do ponto de vista de textos a ser avaliados, conforme seus “erros e “acertos”.

Também em diálogo com os princípios do chamado Círculo de Bakhtin, em que o conceito de dialogismo é basilar, o artigo *Comandos de prova de redação: as diferentes finalidades para a produção* focaliza a finalidade, um dos elementos constitutivos das condições enunciativas geradoras de enunciados. Os autores, Carla Catarina Silva e Renilson José Menegassi, examinam comandos de provas de redação de vestibulares de uma universidade pública do sul do Brasil e partem da hipótese de que as orientações fornecidas pelas propostas de redação, em especial as que se referem às finalidades do texto a ser produzido, desencadeiam efeitos sobre o desenvolvimento dos textos elaborados pelos candidatos. Os resultados a que chega o estudo revelam que o modo como o contexto de produção é construído, sobretudo no que se refere à finalidade do texto, influencia o projeto de dizer do locutor. Nesse processo de construção do seu texto, o locutor age, seja por meio de inferências, seja por dados explicitados nos comandos e responsáveis por fornecer as condições enunciativas: finalidade, interlocutor, gênero discursivo, circulação social, suporte textual, entre outros.

Completando o conjunto de artigos deste volume, Carolina Fernandes e Matheus Rodrigues dos Santos apresentam reflexões a partir de uma proposta de trabalho com produções textuais envolvendo estudantes da Educação Básica de instituições públicas do sul do Brasil. Em diálogo com a vertente materialista da Análise do Discurso, em que a língua é concebida como atividade social e histórica, os autores de *A escrita escolar a partir da Análise de Discurso: o discurso pedagógico escolar polêmico em prol do desenvolvimento de um aluno-autor* orientam-se por um dos preceitos nucleares da Base Nacional Comum Curricular, documento parametrizador do ensino básico brasileiro, em que é destacada a formação da cidadania por meio da abordagem de temas contemporâneos de relevância social. O exame dos resultados aponta para a necessidade e a relevância de práticas escolares de leitura de textos midiáticos com vistas a levar os estudantes a compreender e a produzir gêneros textuais de caráter dissertativo-argumentativo polêmico. O estudo permite demonstrar que, a partir do trabalho pedagógico que problematiza os modos como a mídia aborda determinados temas, os estudantes passam a compreender o funcionamento argumentativo dos discursos midiáticos e seus efeitos de sentidos.

Duas entrevistas e uma resenha fecham este volume. Trata-se de reflexões que dialogam com temas que povoam o universo da formação e da atuação do docente do campo da linguagem. Assim, os leitores serão interpelados por questões como o funcionamento da linguagem, dos discursos e textos, do ponto de vista da dialogicidade, da alteridade e da heterogeneidade, marcas da constituição do(s) sujeito(s) e de sua historicidade.

A entrevista com o professor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, da Universidade de São Paulo (USP), realizada pela professora Adriana Fischer, oferece uma oportunidade de refletir sobre o papel das práticas discursivas no desenvolvimento e na formação do professor e do pesquisador. Corrêa salienta alguns pontos que devem ser problematizados quando se aceita o desafio de examinar como se constitui a apropriação da escrita e seu uso da perspectiva da produção de sentido. Para abordar

a escrita, o entrevistado traça um percurso em que problematiza a noção de sujeito constituído, necessariamente, na relação com o outro pela linguagem, e que essa relação não se constitui somente pelo viés linguístico, mas sobretudo pela dimensão pragmático-discursiva do falado/escrito. Ao optar pelo uso de “modos de enunciação” falado e escrito em lugar de “modalidades” oral e escrita da língua, o pesquisador enfatiza que se trata, de fato, de duas semioses marcadas pela heterogeneidade e, portanto, inseparáveis das práticas sociais. Para Corrêa, o processo de letramento do sujeito via subjetividade na linguagem é marcado pela multiplicidade, sendo, ao mesmo tempo, determinado por fatores de ordem linguística, mas também social e histórica. O pesquisador argumenta que os modos de enunciação não podem ser examinados como dicotômicos, mas constituídos de forma heterogênea, não se limitando à situação imediata de realização, tendo em vista que acontecem num ponto do processo discursivo, o que abre a possibilidade de textualização. Ao reagir a um ensino de escrita que privilegia a técnica redacional, Corrêa reafirma que, por pertencerem a uma dada cultura e a uma dada sociedade, os modos de enunciação são marcados pela historicidade dos discursos e pela subjetividade dos sujeitos, o que demanda um exame que os considere em sua relação com o processo discursivo.

A segunda entrevista, realizada e traduzida para o português pelo professor Adilson Ribeiro de Oliveira, traz como entrevistados Bertrand Daunay e Daniel Bart, professores da Universidade de Lille, na França, que discorrem sobre os estudos a que vêm se dedicando há alguns anos, acerca das concepções de linguagem, leitura, textos e mesmo da noção de letramento, que emergem das avaliações do PISA. De modo mais aprofundado, os entrevistados tecem uma análise crítica do tratamento dado ao texto literário na avaliação internacional, foco da obra *Pode-se levar a sério o PISA?*, publicada no Brasil em 2018. Dentre outros temas, Bertrand Daunay e Daniel Bart examinam as incongruências de ordem teórica e didática presentes tanto nas escolhas dos textos quanto nas condições enunciativas envolvidas nas situações propostas nos enunciados das questões da avaliação do PISA. Essas contradições encontram respaldo nos documentos da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), cujo modelo educacional se sustenta em uma idealização de um cenário homogeneizante, em que não há lugar para diferenças, sejam de ordem cultural, histórica, linguística e curricular, entre outras. Os professores entrevistados optam por examinar os resultados do PISA, divulgados por uma “mídia espetacular” e por instâncias governamentais, como decorrentes muito mais de uma *crise de avaliação*, do que por uma *crise de aprendizagem*, e salientam os impactos nefastos que decorrem da publicização desses dados para as políticas públicas de educação dos países participantes da avaliação, quando não se questionam os seus métodos de construção.

Na seção dedicada a resenhas, Fernanda Santana Gomes apresenta a coletânea *Horizontes (im) possíveis no estágio: práticas de letramento e formação de professores de línguas*, organizada por Carla Lynn Reichmann e Ana Lúcia Guedes-Pinto, publicada em 2018, pela Editora Pontes. Pelas lentes da resenhista, é possível conhecer a obra composta por dez estudos que visam à problematização de discursos e experiências sobre o/no estágio, buscando discutir a importância da integração de aspectos acadêmicos e profissionais na formação inicial docente. Segundo Fernanda Santana Gomes, o estágio supervisionado, *instância constitutiva do ser professor*, é retratado na obra sob uma perspectiva dialógica, em diferentes níveis de discurso, o que propicia a reflexão sobre os seus (im)possíveis horizontes e suas manifestações na contemporaneidade, podendo ser, sobretudo, um instrumento de ensino, análise e sistematização de intervenções e interlocuções para professores que ministram disciplinas de estágio em suas esferas de atuação, assim como para graduandos em formação inicial docente no que se refere ao futuro exercício da profissão.

Concluindo, esta *Scripta* que se oferece aos leitores é assim, “múltipla, prolífera e transbordante, diversa e diferente”, tomando de empréstimo as palavras de Lima, Nascimento e Fernandes, autores de um dos instigantes textos que constituem este volume.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FARACO, Carlos A. **Linguagem e diálogo** – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

RINCK Fanny. Former à (et par) l'écrit de recherche. Quels enjeux, quelles exigences ? **Le français aujourd'hui**, n° 174, Paris, Armand Colin, 2011, 79-89.

